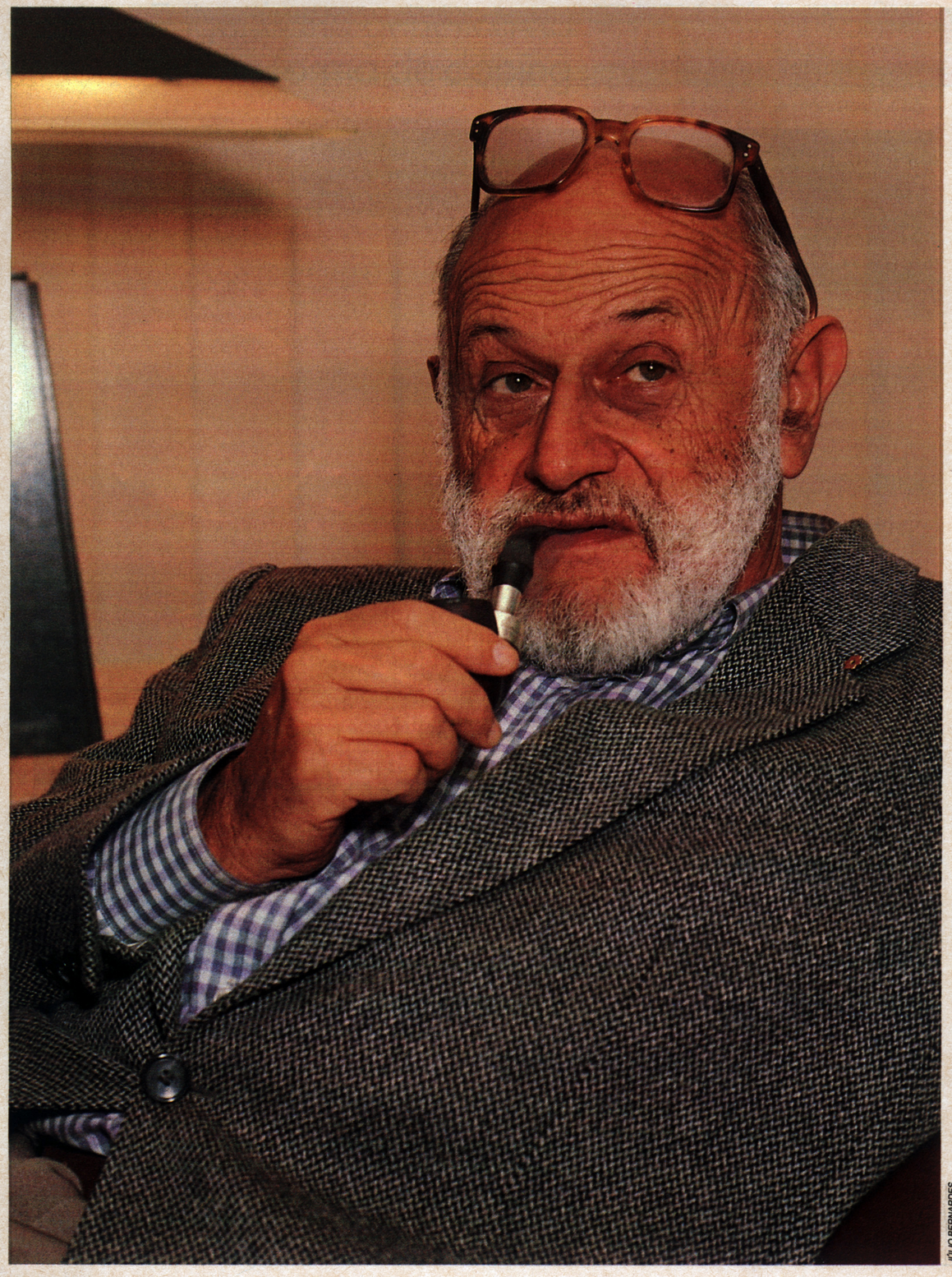


JÚLIO BERNARDES

ENTREVISTA

UM ALFABETO DE AZUIS E AMARELOS

Lápis e papel são instrumentos do passado. Com computadores e terminais gráficos, o filósofo Vilem Flusser propõe uma linguagem baseada em cores, que nos trará formas mais puras de expressão e construirá as imagens de um novo mundo

Filósofo e comunicólogo, Vilem Flusser, 68 anos, nasceu na Checoslováquia e viveu trinta anos no Brasil, e aqui se naturalizou. Foi professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e participou da fundação da faculdade paulista FAAP. Morando hoje na cidade de Robion, na França, Flusser está empenhado em vários projetos de integração da Europa através das comunicações. Sua ligação com o Brasil continua no trabalho de consultor do grupo A Casa da Cor. Sediada em São Paulo e patrocinada pelo Grupo BASF, A Casa da Cor reúne 25 consultores, de bioquímicos a filósofos e arquitetos, para pesquisar e catalisar informações multidisciplinares sobre a cor. O trabalho de Flusser está concentrado na busca de um código de cores, ou a possibilidade de transformar as informações contidas nas cores numa linguagem universalmente compreendida e aceita.

Os rudimentos desse código de cores, que ainda não existe, já podem ser vislumbrados nas simulações de fenômenos por meio da cor. Nas fotografias da superfície terrestre tiradas pelos satélites, cada cor representa um determinado acidente geográfico. A partir deste bê-á-bá colorido, Flusser acredita na possibilidade de se construir uma nova linguagem, usando como ferramenta e suporte não mais lápis e papel mas o computador ligado a um terminal gráfico. Com a ajuda de especialistas em computação, Flusser desenvolve a teoria de que qualquer problema pode ser traduzido em equações matemáticas, transformadas depois em formas e cores pelo computador. Quando esteve em São Paulo para participar de um ciclo de debates promovido por A Casa da Cor, Flusser falou a SUPERINTERESSANTE sobre a substituição da palavra escrita e falada pela matemática das cores, o que para ele é nossa futura e mais pura forma de expressão.

Por que o senhor propõe um código de cores? É necessário o surgimento de uma nova linguagem?

Há mais ou menos duzentos anos ficou claro que as línguas faladas e escritas não são competentes para descrever o mundo, que o mundo precisa ser descrito numericamente. Mas o problema dos números é que não são adequados diretamente ao mundo. No mundo, os pontos se tocam uns aos outros, e no código numérico há intervalos entre os vários números. Essa dificuldade levou primeiro à elaboração da geometria analítica, que era uma tentativa de fazer uma adequação entre pontos e números e mais tarde levou à elaboração do cálculo, que é a tentativa de preencher os vazios entre os números, de integrar diferenciais. Mas a manipulação desse código numérico é muito lenta — para

◀ ***Vilem Flusser, filósofo da comunicação: "As línguas faladas não são competentes para descrever o mundo"***

Como em palavras, tudo pode ser dito matematicamente

enumerar um problema complicado em equações você leva anos. Esta é a razão pela qual foram inventados os computadores.

Como eles entram nessa história?

Computadores são máquinas que calculam depressa. Com o manejo dos computadores, verificou-se que eles não apenas sabem calcular mas sabem também transcodificar os números em linhas e superfícies. Se você fizer uma equação de probabilidade, vai aparecer na tela uma curva de probabilidade. Essas imagens que surgem do computador podem ser coloridas, e as cores destas imagens têm de ser adequadas aos números das equações. Você pode, portanto, imaginar equações. Pode imaginar a matemática, coisa que não podia fazer.

O que isto significa?

Você pode ver o mundo do conceito claro como se fosse o mundo dos sentidos. Você vê uma equação como vê qualquer objeto. Surgem mundos alternativos diante dos seus olhos que até agora eram mundos puramente conceituais. Uma equação passa a ter a mesma beleza de uma flor. Uma complicada operação matemática passa a ter a mesma beleza de uma paisagem. Ora, estes mundos alternativos são coloridos, e a grande vantagem das cores é que elas podem ser manipuladas com muita exatidão. Se você passa do azul para o verde, pode passar por uma infinidade de estágios intermediários. Isto permite uma articulação muitíssimo exata. Por certo, nossos olhos não estão treinados para ver estas diferenças. Se quisermos nos articular por estas cores, precisamos aprender a ver.

Esta articulação resulta numa linguagem?

Dada esta enorme flexibilidade do universo das cores, nós podemos articular, se dispusermos de um código, as mais finas nuances do pensamento e do sentimento, e muito melhor do que na língua falada. As palavras, embora sejam muito nuançadas, não alcançam a fineza da cor. Muitíssima coisa que não pode ser dita em palavras pode ser dita nessas cores.

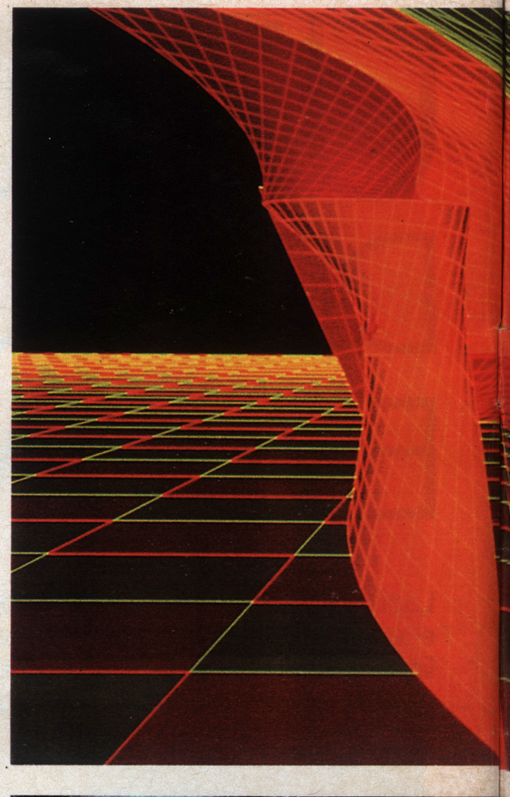
Os fractais, produzidos no computador com equações matemáticas, iniciam a fusão entre a ciência e a arte

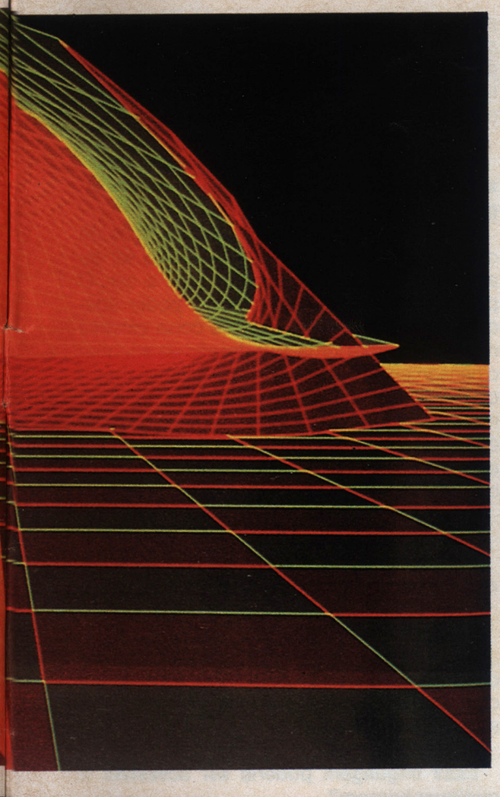
Que tipo de coisas?

Não se pode dizer em palavras o que significa a raiz quadrada de menos 2, mas em cores pode-se exprimir isso com absoluta exatidão. Como você pode dizer em palavras que o universo é tridimensional, curvo na quarta dimensão e que dentro dos vales destas curvaturas aparecem objetos? Tudo isso é maneira muito complicada de dizer coisas que, com cores na imagem, você veria de um só golpe, e convencidamente. E se estou falando em ciência, a mesma coisa ocorre nas artes em geral.

Arte por computador?

Se você deixar de usar pincel e cores químicas e passar a usar o computador terá uma enormidade de variantes. As pinturas até agora feitas a mão com pincel vão parecer tão brutais no futuro quanto nos parece agora o balbuciar de crianças na palavra, porque as cores são mal codificadas. Ao mesmo tempo, esse código





FOTOS KIM-AR-SEN BIBLIOTECA A CASA DA COR

de cores representaria uma linguagem que não apenas seria internacional, porque passaria através de todas as línguas faladas, mas atravessaria as ciências e as artes.

Ciência e arte falariam a mesma língua?

Já, agora, não há nenhum sentido em olhar uma dessas imagens sintéticas por computador, os fractais, e perguntar se isso é ciência ou arte. Se for ciência, então é uma ciência muito bela. Se for arte, então é uma arte muito exata. Não tem sentido dizer que essas imagens foram feitas por artistas ou por cientistas. Porque, se for um cientista que as faz, então são obras de arte extremamente belas, e, se for um artista, são composições conceituais extremamente exatas. A diferença entre ciência e arte caiu por terra. A colossalidade desta nova imaginação não é apenas que ela é internacional, mas sobretudo que ela acaba com a distinção da cultura das ciências e da cultura das humanidades.

Só vai ser possível falar nessa nova linguagem de cores e formas matematicamente?

Como tudo pode ser dito por palavras, tudo pode ser dito matematicamente. Primeiro faz-se a equação, depois a equação é traduzida para a linguagem do computador, e o computador faz então a imagem.

Como será na prática essa linguagem matemática com formas e cores?

Você pode ver uma curva de probabilidade na tela de um computador. Numa equação com números, calcula-se, por exemplo, com que idade morrerão os habitantes da cidade de Campinas. Coloca-se então os números no computador e aparece, suponhamos, idade de 0 a 20 em vermelho, de 20 a 40 em azul, de 40 a 60 em amarelo, e essas curvas começam a se movimentar e a se entrecruzar. Vendo as cores você sabe a resposta, e *vê* o futuro de Campinas.

Quando a holografia for desenvolvida para projetar estas imagens, mundos alternativos surgirão à nossa volta

E não precisa de palavras?

Não, porque se você conhece esse simples código das três cores que eu acabei de propor tudo é visível imediatamente. Não é preciso fazer demagogia. A política acaba, porque você pode ver.

Acaba também a política?

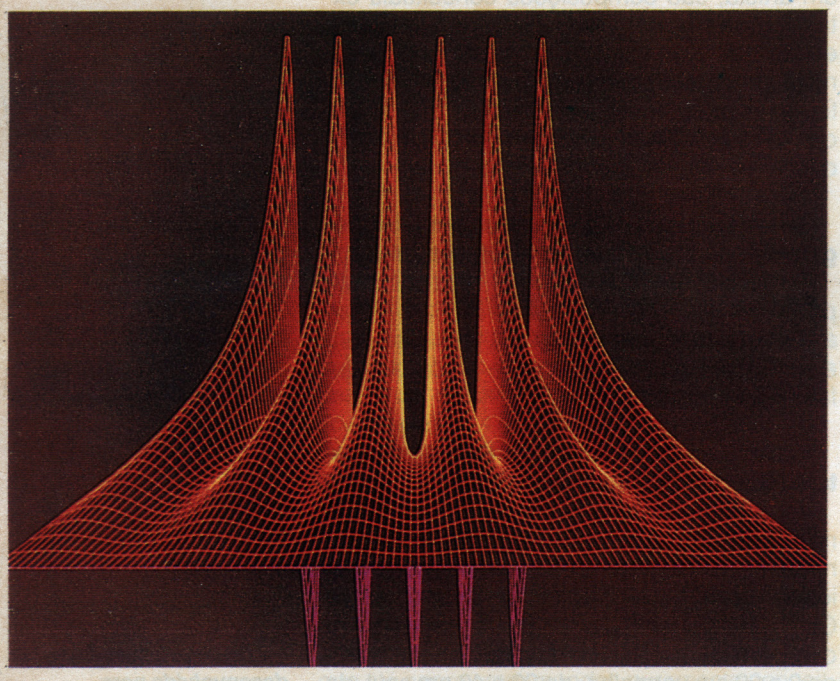
Na linguagem falada, como as palavras são mal definidas, e como você pode dizer sentenças que não têm sentido, a demagogia é perfeitamente possível e fácil. Neste tipo de linguagem a demagogia não é possível, porque o computador não aceita. Se um prefeito diz que promete para amanhã construir 750 metrôs, você põe no computador os 750 metrôs e vê que o que ele diz é impossível, pois você cruza os dados e o computador não aceita. Então, demagogos, populistas, líderes políticos são impossíveis porque tudo o que eles dizem teria que dar sentido, e eles não dizem nada que dê sentido.

Na futura linguagem, complicadas operações matemáticas passam a ter a mesma beleza de uma paisagem

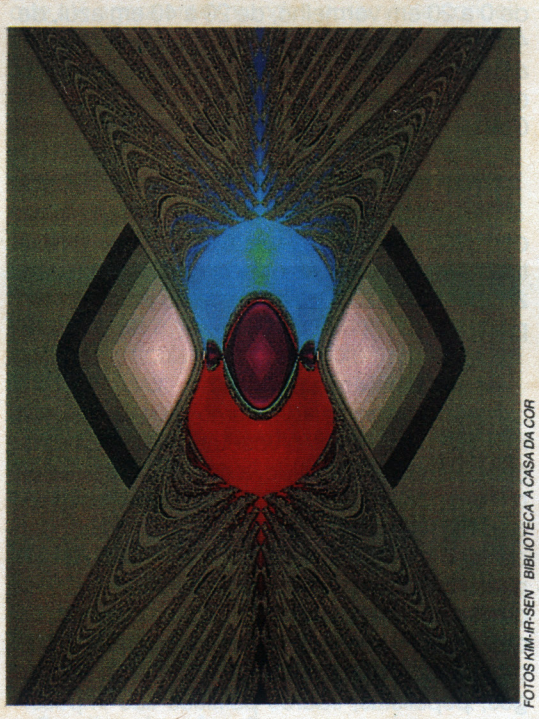
É o fim do discurso vazio?

Nossa linguagem foi tão usada, tão abusada, que não faz mais sentido. Pegue qualquer frase no jornal, por exemplo: "O ministro da Fazenda determinou que o Tesouro realize auditorias em todas as empresas estatais que concederam a reposição da URP nos últimos três meses". Se analisarmos esta sentença, além de sua barba-

Antes de ser artista ou cientista, o homem será crítico



Na tela do computador, uma equação ou uma função matemática tornam-se tão visíveis como qualquer objeto



Com um código nas mãos, a flexibilidade das cores nos permitirá expressar as mais finas nuances do pensamento

FOTOS KIM-IR-SEN BIBLIOTECA A CASA DA COR

ridade estética, porque a coisa é bela quando você faz em cores, não significa nada. O que quer dizer "determinou"? Ele é Deus? Como ele pode "determinar", se há tantos fatores que determinam? Isso não pode ser feito com o código de cores. Se você põe no computador o equivalente de "determinar", o computador vai lhe responder: indique os parâmetros. Ele não vai aceitar "determinar", porque você não é onipotente. Você teria de repensar em que sentido o sujeito pode determinar algo, e repensar todo o problema. Com isso o homem ficará adulto, dará um passo adiante. Ele será crítico antes de ser artista ou cientista. A crítica, que agora é aplicada à obra, será aplicada à elaboração da obra.

Como é possível elaborar um código dessas cores, em que cada cor vai significar alguma coisa?

A cor vai ter de significar números, mas de que jeito ainda não sei. O problema vai ser de adequar números não a ponto mas a cor. O pensamento de Descartes, sobre poder adequar o pensamento numérico à coisa extensa no mundo, agora torna-se o desafio de adequar o pensamento numérico a cores. É uma espécie de cartesianismo de cores. Não adequar o número ao mundo, mas a toda uma série de mundos alternativos. No momento em que se tiver este código de cores surgirá uma série de mundos tidos até agora por impossíveis.

Impossíveis por quê?

Porque a natureza não nos permite. A natureza não permite cubos de quatro dimensões.

E o computador permite?

Claro, porque existe a equação do cubo de quatro dimensões. O computador é burro, ele desenha. Ele não tem problemas filosóficos se aquilo existe ou não.

Essa linguagem poderia ser acessível a qualquer homem?

Este tipo de imaginação permite fazer imagens de coisas impossíveis como o cubo de quatro dimensões — desde que você tenha a equação do cubo de quatro dimensões, ele aparece na tela. Qualquer coisa que você pode conceber matematicamente você pode ver. E este ver pode ser transformado em programa de televisão, ou em filme, em qualquer coisa. E futuramente, quando a holografia estiver avançando, será possível construir esses objetos. Essa imaginação pode fazer você construir objetos impossíveis no meio do seu quarto. Mundos inteiros alternativos podem surgir desta maneira. Nosso mundo ficará tão modificado quanto foi pela fotografia ou pelo cinema. Em vez de sermos cercados por jornais, revistas ou coisas impressas, seremos cercados desse tipo de imagem.

Até onde o pensamento matemático pode chegar na função de exprimir o mundo?

Muito longe. Ninguém pode prever os horizontes. Naturalmente há limites, como em todo sistema, mas por enquanto eles não são previsíveis. Nós vamos ser limitados nesse tipo de código não mais à regra do discurso, mas à regra da matemática, que não são reduzíveis um ao outro. Muita coisa até agora impensável vai se tornar pensável. Naturalmente, o homem não vai ficar onisciente, mas o campo do pensamento vai se expandir enormemente. ■